Olá, eu sou **Dan Rosseto**.

É um prazer te receber aqui e compartilhar este trabalho com você.
Antes de começar a leitura, gostaria de apresentar alguns avisos importantes.
Agradeço seu interesse na minha obra e desejo uma ótima experiência de leitura!

CONSULTE DIREITO AUTORAL

DIREITOS AUTORAIS E AUTORIZAÇÃO DE USO

DIREITOS AUTORAIS RESERVADOS AO AUTOR!

Esta obra é protegida pela Lei nº 9.610/1998 (Lei de Direitos Autorais) e demais normas aplicáveis. Seus direitos morais e patrimoniais pertencem ao autor, ressalvadas eventuais licenças ou autorizações expressamente concedidas.

A disponibilização do texto para consulta não implica cessão de direitos nem concede licença para reprodução, adaptação, tradução, publicação, distribuição ou representação teatral, quando tais atos dependerem de autorização prévia, nos termos da legislação aplicável.

Solicitações de autorização para montagem teatral, representação pública, adaptação ou realização de leituras profissionais e acadêmicas deverão ser encaminhadas por meio do site do autor.

Também poderá ser solicitada uma cópia do texto em apenas um dos idiomas, sem a marca-d'água. O fornecimento dessa cópia não constitui, por si só, licença ou autorização para utilização da obra.

Qualquer uso deverá respeitar os direitos morais e patrimoniais do autor, conforme a legislação aplicável.

© Dan Rosseto. Todos os direitos reservados!

www.danrosseto.com

TEATRO

Uma peça de Dan Rosseto

PACO
OLGA
SOLEDADE
RITA
ANA LUZ
GRINGO
AMPARO
VICTOR MAFRA

CONSULTE DIREITO AUTORAL

Registrado na Fundação Biblioteca Nacional sob o número 693.582,
livro: 1.339, folha: 172, em 25 de setembro de 2015.

“O teatro não perdoa quem brinca com ele”.

UMA IDEIA, UM PONTO DE PATIDA.

Eis que me lanço num abismo inimaginável de ideias e me concentro para escrever um texto. Um novo e inédito texto. E as ideias, como nascem? Elas veem a mente em flashes dinâmicos e difusos. As personagens fazem parte da minha vida e definem as minhas escolhas (em muitos casos). Eu fico entre dois mundos, vivo entre o real o e fictício. Costumo dizer que não fui eu que escolhi o teatro e sim, ele que me acolheu. Desde pequeno eu sempre gostei de fugir da realidade. Eu tinha um mundo paralelo que me desviava do mundo real, que era por vezes chato e muito entediante. Então eu me lancei nessa gangorra vertical que me levou para um lugar onde as possibilidades eram infindáveis. Eu podia criar um destino. E destruí-lo logo depois. Foi me dado o direito de construir e destruir. Personagens, histórias e a mim mesmo. As coincidências que me levaram para o teatro são tantas que eu podia estar num filme de Pedro Almodóvar, com as tragédias e as neuroses sociais, políticas, sexuais e maternas. Sim! As mulheres com seu poder de gerar-nos também nos cobram por isso a vida toda. Nove meses num útero nos custa uma existência inteira. Nunca um aluguel foi tão caro. E nós inquilinos, seremos para sempre humanos envoltos numa névoa de dúvida e culpa. Voltemos ao Almodóvar. O primeiro filme que eu descobri desse inquieto cineasta foi ATA-ME! Na época, eu só consegui enxergar um enorme apelo sexual que essa película transmitia: porém os anos foram essenciais e decisivos para que eu pudesse compreender com maior amplitude a história de um jovem que sequestra uma mulher para realizar suas fantasias. Depois vieram os demais: MÁ EDUCAÇÃO, FALE COM ELA, VOLVER, A PELE QUE HABITO, A FLOR DO MEU SEGREDO, TUDO SOBRE MINHA MÃE, MULHERES A BEIRA DE UM ATAQUE DE NERVOS, MATADOR, CARNE TRÊMULA, MAUS HÁBITOS, LABIRINTO DE PAIXÕES, DE SALTO ALTO, A LEI DO DESEJO, KIKA e um dos meus preferidos: ABRAÇOS PARTIDOS. Não se trata do filme de maior sucesso do cineasta, mas foi o que me motivou a escrever esse texto. O universo de Pedro Almodóvar é tão vasto quanto íntimo e seus personagens sempre sem máscaras, deixam transparecer todos os seus desejos e inquietudes. Sua trama com histórias entrelaçadas e desfechos por vezes surpreendentes, me motivou a contar a história de um autor e diretor de teatro que após um acidente é obrigado a trabalhar em sua nova obra, convivendo com fantasmas do passado. A trama se desenrola sem pretensão apresentando os personagens e sua relação com o protagonista, revelando aos poucos as intenções de cada um, assim como os seus desejos (tão importantes no universo de Pedro Almodóvar). Aos poucos a história se revela para confundir o espectador, num jogo lusco fusco onde imaginação, realidade e fantasia se misturam de forma vertiginosa. Como um homem do teatro que sou – assim como o protagonista desta obra – as personagens surgem para confundir, explicar e guiar a vida e as ideias. Convivemos lado a lado com estes fantasmas que conduzidos por atores, ajudamos a dar vida e que de forma inexplicável nunca mais nos abandonam. Um texto de teatro que dialoga com o teatro e para um público de teatro. TEATRO é a minha declaração de amor e ódio a esta arte maldita, mas que me arrebatou há quase duas décadas e me mantém preso nesta relação doentia e insana, mas que me permite viver de paixão sem perder a virilidade e o tesão. A arte vende a ilusão. Sendo assim, é bom que nos iludamos com uma dose sagaz desse ópio que nos alimenta e corre em nossas veias.

CONTEÚDO AUTORAL

Livremente inspirado no universo de PEDRO ALMODÓVAR.

Capital de uma grande metrópole. Ouvimos uma música instrumental. A luz desta cena deve seguir um padrão não realista, valorizando as sombras e cores fortes (acentuando o vermelho). ***SOL (SOLEDADE)*** *está deitada no chão vestindo apenas um roupão de seda finíssimo.* ***PACO*** *está ao seu lado de pé com uma arma na mão apontada para o corpo da mulher. Algumas ações seguem num tempo natural e devem preencher o tempo estabelecido pelo diretor.* ***PACO*** *coloca a arma na mão da mulher. Em seguida veste sua calça e começa a andar de um lado para outro com cautela, como se tivesse elaborando um plano. Devagar ele se aproxima de* ***SOL*** *erguendo o corpo da moça deixando-a quase sentada. Ele vai ao chão e senta-se para apoiá-la em seus braços.* ***PACO*** *olha para a mulher com paixão e volúpia. Sua respiração é ofegante. Aos poucos* ***SOL*** *acorda.*

SOL– Oi.

PACO– Oi.

SOL– Como eu morri? Eu fui bem?

PACO– Eu costumo dizer que representar é imitar a realidade. Mas como se apropriar de algo que não conhecemos: a morte.

SOL– E o que você achou?

PACO– Você esteve ótima.

SOL– Você acha que eu tenho chances de conseguir o papel?

PACO– É um pouco cedo para dizer. Eu ainda não testei outras atrizes, estou apenas começando.

SOL *se aproxima de* ***PACO*** *e coloca a mão do homem sobre o seu peito. Ela respira profundamente.*

SOL– Está sentindo a minha respiração? Eu ainda não consegui estabilizar por totalmente. Acho que é nervosismo.

PACO– Eu tentei não deixar você desconfortável.

SOL– Não tem como! Você é um diretor importante e eu, uma jovem aspirante a atriz.

PACO– Você não me disse o seu nome.

SOL– Está no meu currículo.

PACO– Eu não recebi o seu currículo.

Rapidamente ***SOL*** *retira um currículo de uma bolsa de mão.*

CONSULTE DIREITO AUTORAL

SOL– Está aqui!

PACO– Eu vou analisar com atenção.

SOL– Eu prefiro que você analise com carinho.

Um tempo se passa sem que eles troquem uma palavra.

SOL– Eu estou dispensada?

PACO– Sim.

SOL– Eu posso me trocar?

PACO– Fique à vontade.

Antes de sair a mulher aproxima-se do homem.

SOL– Mais uma vez muito obrigada. Você é realmente tudo o que dizem.

PACO– Nós ainda não trabalhamos juntos.

SOL– Na cama!

***SOL** sai por uma das coxias sensualmente. **PACO** está sozinho segurando a arma. Ouvimos uma música instrumental. Uma legenda ou locução preenche o espaço com a informação de **"01 SEMANA DEPOIS"**. O homem deixa a cena rapidamente. Os atores vestindo preto montam no cenário o que seria um apartamento com pouquíssima mobília: um sofá, duas cadeiras, um tapete e uma mesa lateral. É possível enxergar alguns vasos com flores de plástico. **PACO** aparece em cena usando uma bengala. Ele se locomove com dificuldades e tem uma das pernas imobilizadas, alguns hematomas no rosto, além de um machucado no canto da boca. **RITA** sua irmã, aparece em cena recolhendo os objetos espalhados pelo chão.*

RITA– Levantou mais cedo?

PACO– Eu não consegui ficar na cama.

RITA– Eu fiz um chá de anis estrelado.

PACO– Agradecido.

RITA– E aquele bolo de aipim que você adora. E para acompanhar, geleia de framboesa.

PACO– Desse jeito você vai me engordar.

RITA– Não é uma ideia ruim... desde pequeno você é tão magricela, credo. E cresceu assim. O padre até suspeitou que você tivesse com anemia. Foi no batizado da Ana Luz. Lembra?

PACO– Como eu pude esquecer.

CONSULTA DEFEITO AUTORAL

RITA– Quer que eu te sirva?

PACO– Rita, você mudou quase tudo de lugar. Ontem este sofá estava em outra posição.

RITA– Quando limpamos por fora estamos organizando o interno. Gostou das flores? Eu trouxe do cemitério.

PACO– Você roubou flor de cemitério?

RITA– Um pouco de alegria para essa cada nos fará bem.

PACO– Você viu o meu roteiro? Aquele cheio de anotações...

RITA– Esse?

RITA *entrega o roteiro para* ***PACO.***

RITA– Eu sei que você não gosta que eu arrume as suas coisas. Mas um homem morando sozinho e nesta condição, a casa precisa estar ao menos organizada.

PACO– Eu não estou reclamando Rita, eu só preciso trabalhar.

RITA– Se eu estiver atrapalhando me avise que eu não volto mais.

PACO– Faça o que achar melhor. Mas eu quero deixar claro que eu não estou te mandando embora.

RITA– Tem oito recados na sua secretária eletrônica.

PACO– Do que se trata?

RITA– Você acha que eu ouvi? Eu ouvi! Cinco são dispensáveis. Vendedores de plano de saúde, TV a cabo... O diretor do Teatro Nacional pediu que você retornasse.

PACO– O que mais?

RITA– A Olga deixou um recado muito grosseiro. Ela queria falar com você sobre alguma coisa que a Ana Luz aprontou. E o último recado era da Ana Luz dizendo que a mãe tinha sido uma estúpida mentirosa e pediu para você não se preocupar.

Ouvimos uma música. ***RITA*** *sai de cena. Aqui seria o ideal para a projeção do nome dos atores e equipe técnica.* ***PACO*** *analisa o roteiro como atenção, faz anotações, enumera as páginas. Depois de um tempo* ***RITA*** *volta à cena com uma sacola de feira e uma bandeja com o chá de anis e o bolo de aipim.*

RITA– Eu não demoro. Vê se come se não é capaz de pegar uma anemia, Deus me livre! Eu vou dar uma passada no cemitério para limpar o túmulo da mamãe e depois na feira para pegar legumes para o jantar. Você quer alguma coisa?

PACO– Silêncio! É o que eu preciso.

CONSULTE DIREITO AUTORAL

O telefone fixo toca.

RITA– Atendo?

PACO– Por favor.

RITA– E se for para você eu digo o que?

PACO– Depende de quem estiver do outro lado da linha.

***RITA** deixa a sacola e atende o telefone.*

RITA– Pronto. *(TEMPO)* Quem gostaria? *(TEMPO)* Um momento que eu vou ver se ele pode atender você.

***RITA** abafa o telefone entre as mãos.*

RITA– É o Victor Mafra do Teatro Nacional. Ele diz que é urgente.

PACO– Me passa o telefone.

***RITA** passa o telefone para **PACO**. Em seguida coloca chá na xícara e leva próximo ao irmão. Depois pega o prato de bolo, espeta o garfo num pedaço de tamanho médio e coloca na boca de **PACO** enquanto ele fala ao telefone.*

PACO– Oi Victor, como vai? *(TEMPO)* Eu estou me recuperando, aos poucos. *(TEMPO)* Eu já entrei com o pedido de reconhecimento, mas ao que parece as câmeras não estavam ligadas. Mas disseram que vão checar as câmeras dos prédios. *(TEMPO)* Ainda bem que eu estou vivo, isso é o que importa. *(TEMPO)* Me visitar? *(TEMPO)* Hoje? Eu agradeço a atenção, mas como você sabe eu não gosto de receber pessoas em casa. *(TEMPO)* Obrigado pela preocupação. Até mais!

***PACO** desliga o telefone.*

RITA– Duvido que ele esteja preocupado com a sua saúde.

PACO– Tudo o que ele quer é que eu entregue o meu trabalho dentro do prazo. Prazo esse já expirou por conta do acidente.

RITA– Manda esse cara para o inferno. Eu sei que eu já falei isso, mas você não devia trabalhar neste estado.

PACO– Não existe folga quando se trabalha com arte. Ou você está empregado ou não. Quem diz que está “num projeto” é por que está no

CONSULTE DIREITO AUTORAL

desvio. É muito simples, eu não posso parar.

RITA– Eu vou. Coma tudo. Cuidado com a anemia.

RITA *sai de cena. Quase que imediatamente a campainha toca.* ***PACO*** *espera um tempo sem dar importância para o barulho, por que imagina que* ***RITA*** *ainda está por perto e irá abrir a porta. A campainha volta a tocar.* ***PACO*** *resolve se levantar. Com muita dificuldade ele se encaminha até a porta.*

PACO– Puta merda! Eu não lembrava que isso doía tanto.

A campainha continua a tocar.

PACO– Já vai! Espera!

PACO *abre a porta.* ***GRINGO*** *entra em cena. É um rapaz que provavelmente está no desvio há muito tempo ou até mesmo nunca trabalhou. Tem o cabelo mal tingido de loiro e veste-se de forma rebelde. Ele entra em na casa de* ***PACO*** *sem pedir licença e caminha com calma para observar o ambiente.* ***GRINGO*** *traz em suas mãos alguns envelopes.*

GRINGO– Mandaram entregar.

GRINGO *deixa os envelopes numa mesa lateral.*

GRINGO– Eu posso sentar?

Antes de ***PACO*** *responder* ***GRINGO*** *senta.*

PACO– Quem é você?

GRINGO– Todo mundo me chama de Gringo. Eu vim me apresentar.

PACO– Eu não costumo receber atores na minha casa. E eu não estou montando elenco para nenhum trabalho.

GRINGO– Está doendo muito?

PACO– Desculpa.

GRINGO– A perna!

Um tempo natural se estabelece entre os dois.

CONSULTE DIREITO AUTORAL

GRINGO– Fui eu quem atropelou você. Com a moto! Eu não fiquei para te ajudar por que eu estava fugindo. Então eu vim saber como você está.

PACO *parte para cima de* ***GRINGO****.*

PACO– Filho da puta!

Ao dar o segundo passo ***PACO*** *sente uma dor latente que faz com que ele interrompa a ação. Ele senta-se na cadeira ou no local mais próximo.*

GRINGO– Está doendo mesmo! Eu vim para ajudar.

PACO– Caralho.

GRINGO– Eu vim para ajudar.

PACO– Está doendo mais do que eu pensava.

GRINGO– Você está sozinho?

PACO– Vai embora, agora!

GRINGO– Eu já disse que vim para ajudar.

PACO– Cai fora!

GRINGO *tira de dentro da calça uma arma. Ele aponta para* ***PACO*** *com firmeza.*

PACO– Você tem uma arma?

GRINGO– É, eu tenho uma arma.

PACO– E você veio aqui terminar o que não deu conta.

GRINGO– Como assim?

PACO– Moleque burro. Você não conseguiu me matar da primeira vez e agora veio concluir o serviço. Quem te mandou aqui?

GRINGO– Eu só não te dou um tiro por que você ainda não está bom. Mas quando você se recuperar...

GRINGO *guarda a arma.* ***PACO*** *respira aliviado.*

GRINGO– O que você faz da vida?

PACO– Eu sou diretor de teatro.

GRINGO– Você deve conhecer uma porrada de veado.

PACO– Alguns.

CONSULTE DIREITO AUTORAL

GRINGO– Eu vejo novela pela televisão. A maioria dos galã tem tudo panca de bicha. Não sei como a mulherada leva esses caras a sério.

PACO– A arte vende ilusão.

GRINGO– E dá grana?

PACO– O suficiente. Eu acredito na transformação que o teatro pode provocar na sociedade.

GRINGO *anda pelo espaço. Ele encontra uma foto de* ***ANA LUZ*** *num porta-retratos. O rapaz olha com atenção a imagem da jovem.*

GRINGO– Quem é?

PACO– Minha filha.

GRINGO– Bonita. Ela mora com você?

PACO– Não.

GRINGO– Com a mãe?

PACO– Sim.

GRINGO– E quantos anos ela tem?

PACO– Dezessete.

GRINGO– Dá para você conversar comigo usando mais de uma palavra?

PACO– Como quiser.

GRINGO– Me fala mais sobre ela.

PACO– Eu acho melhor você ir embora. Além da minha filha eu tenho uma irmã que veio passar um tempo comigo para me ajudar.

GRINGO– Eu vim para cuidar de você. Como eu não tenho grana para bancar um tratamento, eu me ofereço para ajudar na tua recuperação.

PACO– Eu não preciso de ajuda. Eu estou bem.

GRINGO– Fala sério. Você está mais fodido que eu. Eu trabalhei um tempo no Hospital Central e já cuidei de muita gente ferrada.

PACO– O espaço é pequeno. Eu agradeço a sua intenção, mas como eu disse, tem alguém me ajudando.

GRINGO– Eu conheço o seu tipo. Diz que vai ficar tudo bem, mas quando eu menos esperar, recebo um processo nas costas. E não demoram me mandam em cana.

Tempo. Os dois se olham de forma tensa.

GRINGO– Eu me viro com pouco espaço. Relaxa! Eu fiz a agenda com a tua rotina: banhos, medicamentos, massagem. Eu vou fixar no espelho do banheiro. Daqui a dez minutos nós vamos dar uma volta.

CONSULTE DIREITO AUTORAL

PACO– Eu não gosto de sair.

GRINGO– Fará bem na tua recuperação. Já reparou a tua cor?

PACO– Eu quase nunca saio de casa.

GRINGO– Você é chato para um caralho. Fala menos e obedece. Eu vou tomar banho que eu estou fedendo para cacete.

GRINGO *sai de cena.* ***PACO*** *rapidamente pega o telefone e disca.*

PACO– Victor? *(TEMPO)* Eu preciso falar com você... e tem que ser rápido! *(TEMPO)* Me ouve porra! Sabe o cara que eu te falei, o que me atropelou? Não preciso mais esperar o laudo técnico das câmeras de rua. O cara está aqui em casa. *(TEMPO)* Me ouve! Eu tenho que ser rápido. *(TEMPO)* Eu preciso que você venha para cá! *(TEMPO)* Eu sei que eu disse que não era preciso, mas eu quero que você venha até aqui. É urgente! *(TEMPO)* Quando? O quanto antes!

Durante a conversa de ***PACO*** *ao telefone ouvimos a voz de uma jovem discutindo com alguém fora da cena. Os xingamentos são ofensivos. Apenas uma delas é ouvida (a mais jovem). Quase no final do telefonema de* ***PACO*** *aparecem em cena* ***ANA LUZ*** *e* ***OLGA.*** *A garota se espanta ao ver o pai.*

ANA LUZ– O que fizeram com você?

OLGA– Ele ficará bem. O Paco já passou por traumas piores.

PACO– Eu espero que sim. Está tudo bem?

ANA LUZ *corre para abraçar o homem. Ela senta no colo dele de forma natural.*

ANA LUZ– Dói?

PACO– Hoje menos do que ontem.

ANA LUZ– E amanhã menos do que hoje.

PACO– Um dia de cada vez.

ANA LUZ– E quando você menos esperar, já passou.

OLGA *interrompe o clima entre eles.*

OLGA– A casa está organizada. Você pagou para alguém limpar?

PACO– A Rita veio passar uns dias.

OLGA– Ela sempre foi muito preocupada com você. Beirava a loucura. Ela costumava ocupar um lugar de mãe. Lugar esse que a sua própria

CONSULTE DIREITO AUTORAL

mãe nunca ocupou.

ANA LUZ– A tia Rita é muito engraçada.

PACO– E nem se atreva a chama-la de tia.

OLGA– Apesar dela ter idade e realmente ter ficado para tia. Não entendo as pessoas que não assumem aquilo que realmente são.

PACO– Vocês vieram fazer uma visita?

OLGA– Eu trouxe a Ana Luz, desconsidere a minha presença.

PACO– Não será algo fácil.

ANA LUZ– Eu saí mais cedo do colégio para te ver.

PACO– Desse jeito vai repetir o ano de novo.

OLGA– Eu disse a ela para ter atenção redobrada ao estudo. Se não corre o risco de ter um futuro como o seu.

PACO– Eu sou feliz com o meu trabalho.

OLGA– Você está trabalhando, neste momento?

PACO– Neste momento eu estou me recuperando de um acidente. Mas se você quer mesmo saber, sim, eu estou em fase de pesquisa para um novo projeto.

ANA LUZ– E quando eu vou poder ver suas peças?

PACO– Daqui uns anos, eu acho.

OLGA– O Paco sempre coloca no palco os processos pessoais. Ele é um diretor experimental. Não é assim que você se define?

PACO– Por que você não se acostuma que eu sou o pai da Ana Luz?

OLGA– Seu nome não é Paco?

ANA LUZ– Se forem para brigar por minha causa eu sumo daqui.

OLGA– A Ana Luz tem tido momentos difíceis e eu como mãe tenho aguentado sozinha uma barra muito pesada.

PACO– Os jovens são assim. Você também já teve seus momentos.

OLGA– Eu me culpo por cada um deles.

PACO– O que foi que aconteceu?

OLGA– A Ana Luz tem andado com pessoas muito estranhas.

ANA LUZ– São mais legais que você.

OLGA– Garanto que sim. Mas decentes, não!

ANA LUZ– Quem é você para julgar com quem eu ando?

OLGA– Sou a única responsável por você. Por que o Paco parece ter assinado um contrato com a solidão e não quer saber de ninguém.

PACO– O que foi que você fez Ana Luz?

ANA LUZ– Eu disse a ela que não era para te envolver nisso, que era besteira.

CONSULTE DIREITO AUTORAL

OLGA– Chega! Essa garota desde pequena tem o dom de me irritar com essa teimosia. A quem será que ela puxou?

PACO– Será que é possível você conversar comigo sem disparar uma crítica a cada minuto?

ANA LUZ– Ela tem essa mania de dar lição de moral em todo mundo.

OLGA– A Ana Luz tem andado com uma gente muito estranha.

ANA LUZ– Um pessoal do meu novo colégio.

OLGA– O único que aceitou te matricular depois que você foi expulsa dos outros seis em que estudava.

PACO– Em resumo o que foi que houve?

OLGA– Você quer resumir um problema?

PACO– Eu quero saber o que aconteceu.

ANA LUZ– Nada demais.

GRINGO *interrompe a conversa entre os três aparecendo em cena apenas de toalha de banho. O rapaz não tem nenhum pudor, mas também não age de forma sexual. É como se estivesse vestido, simples assim.*

GRINGO– Eu não consegui regular a temperatura da água.

PACO– A da direita é quente. Esquerda a fria.

GRINGO– Você pode me ajudar?

PACO *respira fundo e segue até o banheiro com* ***GRINGO****.* ***ANA LUZ*** *e* ***OLGA*** *estão sozinhas em cena.*

ANA LUZ– Certeza que o Paco está comendo o carinha.

OLGA *não gosta do que acabou de ouvir.*

ANA LUZ– Deve ser foda ser trocada por um cara. E ainda mais novo.

OLGA– Vá pegar as suas coisas no carro.

ANA LUZ– Você ainda gosta dele?

OLGA– Não me provoque Ana Luz. É por isso que eu detesto frequentar esse lugar. Vá pagar as suas coisas. Vai! Anda, chispa.

ANA LUZ *sai de cena.* ***OLGA*** *está sozinha. Ela pega os envelopes que estão na mesa lateral e olha com calma. No terceiro envelope (vermelho)* ***OLGA*** *ao olhar o remetente suaviza o semblante. Ouvimos uma música. Calmamente* ***OLGA***

CONSULTE DIREITO AUTORAL

*abre o envelope. Entra em cena **AMPARO**, uma mulher elegante e refinada. Ela está com um cigarro aceso e fuma com elegância. **OLGA** lê a carta enquanto **AMPARO** diz o que escreveu.*

OLGA– Paco querido...

AMPARO– Quando receber esta carta é por que já estarei pronta para um reencontro. Um ano! Foi esse o tempo em que eu estive reclusa. Sem notícias suas. Sem notícias de ninguém. Muita gente deve ter pensado que meu desaparecimento foi o meu último suspiro. E sim. Foi! Você, uma vez me disse que é necessário um calendário – doze meses, trezentos e sessenta e cinco dias – para que o ciclo do luto se complete. Como eu sou agnóstica, prefiro acreditar que esse foi um tempo necessário para que eu me recuperasse totalmente. O tempo para que todas as feridas cicatrizassem. As internas e as externas. Eu saio da sombra a procura da luz. Te vejo em breve. Mas como sempre, eu não marcarei uma data pois gosto da autenticidade que uma surpresa provoca. Nada me deixa mais feliz ao ver o susto estampado na cara das pessoas quando depois de uma ausência, eu reapareço. Sinto saudades de você. Dos nossos encontros. Um beijo...

OLGA– Amparo!

AMPARO– ... Amparo!

***OLGA** amassa a carta com delicadeza. **AMPARO** sai de cena elegantemente. **OLGA** senta-se no local mais próximo. **PACO** volta depois de um tempo. Durante a cena **OLGA** se servirá de uma dose de whisky. Ela repetirá a ação de servir-se com o destilado durante a conversa com **PACO**.*

OLGA– Quando foi que eu deixei de ser importante? Para você!

PACO– Você sempre será alguém por quem eu terei profunda admiração e respeito. Nós temos uma filha.

OLGA– Responda a minha pergunta.

PACO– Então elabore melhor.

OLGA– Vamos lá! Eu te conheço há quanto tempo? Vinte anos! Então, eu, uma jovem atriz, conheço um jovem diretor de teatro. Ambos sonhadores e cheios de vida. Não demora para que no auge da paixão a gente engate um romance. Sem tabus, sem compromisso, onde tudo era permitido. Durante longos meses a gente viveu de paixão. Era isso que nos alimentava.

PACO– E os sonhos.

OLGA– Claro! Os sonhos. Ambição misturada a noites inteiras de paixão. Você foi um amante incomparável.

PACO– Aonde você quer chegar?

OLGA– Não vou tomar o seu tempo... e do seu garoto!

CONSULTE DIREITO AUTORAL

PACO– Não comece com seus ataques.

OLGA– Então eu, jovem e linda! Sim, por que um dia eu fui muito, muito bonita. E me entreguei a um homem que me deixou muito, muito feia. Por dentro e por fora.

PACO– Me dá esse copo!

OLGA– Careta! Há vinte anos você e eu tomávamos uma garrafa inteira antes de trepar e outra durante longos papos sobre Brecht, Edward Albee, Albert Camus, Pollock... quem mais?

PACO– Eu preciso trabalhar.

OLGA– Você precisa trabalhar? Então faça isso. A minha presença não incomodava você. Pelo contrário, você dizia que eu era uma espécie de inspiração. Fui a sua primeira musa. Te ajudei a conseguir o respeito dessa classe artística de merda.

PACO– Não foi bem assim!

OLGA– Uma porra que não! Você sabe que sim. Fui eu, com o meu trabalho, o meu talento, que te ajudei a conseguir o primeiro sucesso. O primeiro texto. Eu, nossas fodas, as garrafas de whisky e muita discussão sobre arte.

PACO– Não venha vomitar suas amarguras. Eu não tive culpa do seu fracasso.

OLGA *começa a abrir um botão da blusa.*

OLGA– Eu abria minha blusa, botão por botão. Deixava você me pintar inteira! A gente se lambuzava de tinta e depois trepava feito loucos, sujando as paredes e deixando impressos os nossos corpos. E você ficou um chato. Careta! Arrogante!

PACO– Me dá esse copo. Chega!

OLGA *atira o copo longe sem mirar em nada.*

OLGA– Filho da puta! Você me usou e me destruiu em seguida. Não é isso que vocês, os diretores fazem com as atrizes?

PACO– Quem abandonou o palco foi você. Depois que ficou grávida.

ANA LUZ *volta à cena a tempo de ouvir a conversa.*

OLGA– Eu fui forçada! Você me disse que era melhor que eu cuidasse da Ana Luz até ela completar cinco anos. E que depois voltaria a trabalhar. Mas você nunca mais me chamou. Não manteve sua palavra.

CONSULT DIREITO AUTORAL

PACO– Você ficou fora do mercado. E dos padrões.

OLGA– Eu engordei! Qual mulher não fica parecendo uma porca vadia depois que tem um filho!

PACO *percebe a presença de* ***ANA LUZ****.*

ANA LUZ– Podem continuar a conversa. Finjam que eu não estou aqui.

OLGA– Mas você está. Esse é o problema.

ANA LUZ– Gorda escrota!

OLGA *perde o controle e dá um tapa na cara de* ***ANA LUZ****.*

ANA LUZ– Você devia ter me abortado.

PACO– Chega Ana Luz!

Um tempo se estabelece. ***PACO*** *e* ***OLGA*** *percebem que* ***ANA LUZ*** *está quieta. Então eles notam que das pernas da garota escorre um liquido. No chão uma roda de xixi se forma. Ela não demonstra reação alguma.*

PACO– Quando foi que começou?

OLGA– Tem acontecido com frequência. Nós fomos ao médico e ele disse para que fizéssemos alguns exames. Em seguida me encaminhou para um psiquiatra. Ele pediu para conhecer a mãe e o pai. Disse que o problema nasce de um transtorno familiar.

GRINGO *aparece em cena. Ele terminou o seu banho. Está apenas de cueca. Ele traz a toalha em seus ombros.* ***PACO*** *pede a toalha de* ***GRINGO*** *para secar o chão.*

GRINGO– Pode deixar que eu limpo.

GRINGO *começa a secar o chão e as pernas de* ***ANA LUZ*** *com delicadeza.* ***PACO*** *e* ***OLGA*** *continuam a conversa.*

PACO– Você devia ter me dito que a Ana Luz estava com um problema.

OLGA– Eu trouxe os exames e os laudos para você analisar.

OLGA *vai até a sua bolsa e pega os envelopes com os exames e os laudos.*

CONSULTE DIREITO AUTORAL

GRINGO *termina de limpar* ***ANA LUZ*** *e o chão e em seguida sai de cena.*

OLGA– Esse rapaz faz parte da sua vida?

PACO– Se eu tentasse explicar iria parecer tão absurdo. É melhor deixar para lá.

OLGA– Bom trabalho! Eu volto na segunda.

OLGA *sai de cena.* ***ANA LUZ*** *e* ***PACO*** *ficam sozinhos por um tempo.* ***GRINGO*** *retorna a cena rapidamente.*

PACO– Você pode fazer a gentileza de se vestir.

GRINGO– Meu cabelo está molhado. Eu não gosto de pôr roupa antes de secar o cabelo.

PACO– Tem um secador na segunda gaveta do banheiro.

GRINGO *sai de cena. Restam* ***ANA LUZ*** *e* ***PACO****.*

PACO– Nós podemos conversar sobre o que aconteceu?

ANA LUZ– Eu não consigo controlar.

PACO– Você tem alguma explicação?

ANA LUZ– É involuntário.

PACO– E tem acontecido com frequência?

ANA LUZ– Em vários lugares.

PACO– E como as pessoas se comportam?

ANA LUZ– Da pior maneira possível.

GRINGO *volta à cena com o secador de cabelo.*

GRINGO– A merda da tomada do banheiro não funciona.

GRINGO *liga o secador de cabelo.* ***PACO*** *e* ***ANA LUZ*** *continuam a conversa. O barulho atrapalha.* ***PACO*** *interrompe a ação de* ***GRINGO****.*

PACO– Quando foi que começou?

ANA LUZ– Há três anos. Um dia eu fiquei em casa sozinha e comecei a fuçar nas gavetas. Até que numa delas eu encontrei umas cartas...

CONSULTE DIREITO AUTORAL

*O barulho do secador de **GRINGO** abafa o som da conversa entre **ANA LUZ** e **PACO**. A garota continua a conversar com o homem enquanto **GRINGO** seca o cabelo. Um vídeo é projetado com imagens de um palco. Em seguida vemos uma plateia com cinco mulheres sentadas em diferentes lugares. São elas: **AMAPARO**, **SOL**, **OLGA**, **RITA** e **ANA LUZ**. **PACO** observa do palco. Aos poucos uma a uma se levanta da poltrona e vem em direção ao palco. A medida que elas saem do quadro elas aparecem no palco onde a ação da peça se desenrola. Elas dirão trechos de textos clássicos do teatro. A primeira a entrar em cena é **AMPARO** vestida como **BLANCHE DUBOIS** de "Um Bonde Chamado Desejo" de Tennessee Williams.*

AMPARO– Eu vi Estela. Eu vi! E agora você fica me acusando por ter perdido a propriedade. Mas como é que você pensa que eu paguei por todas aquelas doenças? A morte custa caro e ela já tinha armado a sua tenda bem diante da nossa porta. E você se senta e me acusa de eu ter perdido a propriedade. Eu deixei a propriedade perder-se! Mas onde estava você? Na cama com seu patético polaco!

***OLGA** entra defendendo um trecho de "Yerma" de Frederico Garcia Lorca.*

OLGA– Mentira! É isso o que dizem as mães fracas, queixosas. Para que os têm? Ter um filho não é um ramo de rosas. Precisamos sofrer para vê-los crescer. Acho que nisso se vai metade do nosso sangue. Toda mulher tem sangue para quatro ou cinco filhos e quando os filhos não vêm, o sangue torna-se veneno.

SOL** entra em cena. Sua obra será "O Colecionador" de Mark Healy. Ela fará a personagem **MIRANDA.

SOL– Você só pode ser louco. O que mais pode ser? Você acha que me mantendo aqui você fará com que eu sinta algo por você? Se você me ama em qualquer sentido real da palavra amor, você não pode me manter aqui. O ar desse lugar, eu não consegui respirar a noite passada. Vou morrer se você me manter presa aqui dentro.

***ANA LUZ** aparece como **OLGA** de "As Três Irmãs" de Anton Tchecov.*

ANA LUZ– Hoje faz um ano exato que morreu nosso pai, dia 05 de maio, dia da sua santa. Fazia muito frio e nevava. Eu pensava que não iria sobreviver. Porém já se passou um ano, e já podemos recordá-lo de coração leve. Lembro-me do funeral. Mesmo ele sendo uma pessoa importante havia pouca gente. Talvez por causa da chuva.

CONSULTE DIREITO AUTORAL

***RITA** entra em cena para defender "A Margem da Vida" de Tennessee Williams.*

RITA– Não empurre a comida com os dedos. Se quiser empurra com alguma coisa, um pedacinho de pão. E mastigue. Os animais têm partes especiais do estomago que lhe permitem digerir os alimentos sem mastigar, mas os seres humanos devem mastigar os alimentos antes de engoli-los. Como devagar.

*Ao término da cena as cinco atrizes deixam o palco como figuras míticas da imaginação de um diretor. **PACO** está sozinho. **GRINGO** que no meio da ação das atrizes desligou o secador e deixou a cena, retorna vestido. Ele se aproxima de **PACO** que parece estar num transe. **GRINGO** tira a arma da cintura aponta a arma e encosta na cabeça de **PACO** que então, acorda do transe.*

GRINGO– Está na hora do seu banho de sol.

PACO– Eu estava aqui perdido em meus pensamentos. Cadê a minha filha?

GRINGO– A bonitinha está no banho. A porta está trancada.

PACO– Como você sabe?

GRINGO– Eu tentei abrir!

PACO– Você o que?

GRINGO– Para espiar! Sua filha é tesuda para caralho.

***PACO** não responde a provocação do rapaz. Pelo contrário, parece concordar com o que foi dito.*

GRINGO– É hora do seu banho de sol.

PACO– Eu preciso trabalhar.

GRINGO– Você pode fazer isso. Leva tuas coisas. Eu te ajudo.

PACO– Pega aquele roteiro ali para mim...

GRINGO– Esse?

PACO– Obrigado!

***GRINGO** começa a juntar os roteiros e textos de **PACO**, não todos. Pelo menos uns três. A escolha é aleatória.*

GRINGO– Eu posso ler um? Eu nunca fui ao teatro, nem tenho vontade. Acho inútil um cara fingindo ser uma pessoa que não é, para um bando de gente fingindo acreditar na mentira inventada por alguém.

CONSULTE DIREITO AUTORAL

PACO– É de se pensar!

GRINGO– Filme eu gosto. Sabe filme de ação? Do Bruce Lee!

PACO– Arte pura!

GRINGO– O cara é foda! Resolve tudo na porrada. Eu acho que eu levo jeito para ser artista.

PACO– Ah, claro!

GRINGO– Um dia me deixa te mostrar, eu sou muito engraçado.

GRINGO *e* ***PACO*** *saem de cena. Ouvimos uma música instrumental.* ***ANA LUZ*** *aparece em cena linda, enrolada numa toalha branca que cobre todo seu corpo (dos seios as coxas). Ela está descalça e com os cabelos molhados. Sua aparência frágil contrasta com seu corpo de mulher. Um vídeo projetado no fundo do palco mostra* ***OLGA*** *dentro de um carro, parada, com as duas mãos no volante. Num close em seus olhos percebemos que a mulher chorou muito e ainda chora compulsivamente agarrada ao volante. Depois de um tempo ela para de chorar e passa a olhar para a câmera como se observasse a cena que irá acontecer. Sua expressão é de total fragilidade e delicadeza.* ***GRINGO*** *retorna a cena e encontra* ***ANA LUZ*** *na sala. Eles se olham com intensidade e paixão.*

GRINGO– Eu vim buscar os óculos do seu pai.

A garota não responde, então o jovem prossegue.

GRINGO– Eu posso pegar?

ANA LUZ *pega os óculos de* ***PACO****. Ela oferece o objeto esticando o braço para o rapaz que está longe e não consegue alcançar. Ele então se aproxima da moça. Eles se olham com delicadeza e paixão. Se beijam. A toalha da menina cai delicadamente, mostrando suas curvas. Aos poucos eles interrompem o beijo.* ***GRINGO*** *pega a toalha e entrega para* ***ANA LUZ*** *que se enrola.*

GRINGO– Pode confiar em mim.

ANA LUZ– É mesmo?

GRINGO– Eu só quero te ajudar.

ANA LUZ– Não meta os pés pelas mãos.

GRINGO– Eu gosto de você Luz. De verdade.

ANA LUZ– Vai lá, vai. É hora do banho de sol do Paco. Ele precisa confiar em você.

A campainha toca. ***GRINGO*** *e* ***ANA LUZ*** *se olham. A garota é rápida.*

CONSULTE DIRETO À AUTORA!

ANA LUZ– Vaza! Deixa que eu atendo.

GRINGO *sai de cena cruzando com* ***SOL****.*

ANA LUZ– Quem é você?

SOL– Sol. Soledade!

ANA LUZ– O que você quer?

SOL– Eu gostaria de falar com o Paco.

ANA LUZ– Para que? O que você é dele?

SOL– Eu soube que ele sofreu um acidente...

ANA LUZ– Ele está ótimo!

SOL– Eu sou uma atriz.

ANA LUZ– Saquei! Atriz, sinônimo de vadia.

SOL– Você está sendo mal-educada comigo. Eu vim fazer uma visita para o Paco. Eu soube do acidente e gostaria de...

ANA LUZ– Você veio chupar o pau dele para consolar!

SOL– Você é a namorada dele?

ANA LUZ– Mais do que isso.

SOL– É mulher?

ANA LUZ– Sim. A mulher da vida dele.

SOL– Me desculpe, eu não tenho interesses no Paco.

ANA LUZ– Então cai fora!

SOL– Eu estive aqui antes do acidente.

ANA LUZ– E trepou com ele feito uma vadia. Onde foi, no sofá?

SOL– Escuta aqui menina, eu não te dei o direito de falar assim comigo.

ANA LUZ– Você está na minha casa.

SOL– Eu estive aqui, num teste para um novo trabalho. E esqueci um documento. Então eu vim buscar.

Um tempo natural é estabelecido entre elas. ***SOL*** *caminha pelo espaço sabendo onde quer ir. Ela se abaixa próxima a uma mesa lateral onde está o roteiro que* ***PACO*** *está trabalhando e de forma discreta o coloca dentro de sua bolsa.*

ANA LUZ– Procura rápido. Se eu puder ajudar.

SOL– Eu acho que não.

CONSULTE DIREITO AUTORAL

ANA LUZ– Do que se trata?

SOL– Perdão?

ANA LUZ– A porra da merda que você veio buscar.

SOL– Eu acabei de me lembrar... eu devo ter esquecido em outro lugar. Desculpe, eu preciso ir.

ANA LUZ– Eu vou dizer ao Paco que você esteve aqui.

SOL– Não! Eu acho que ele não iria gostar.

SOLEDADE *sai de cena.* ***RITA*** *aparece trazendo uma sacola com mantimentos. Numa outra sacola estão flores artificiais de cores vermelhas.*

RITA– Luz!

ANA LUZ– Tia!

RITA– A tia mandou dizer que não está. Como você cresceu.

ANA LUZ– Você diz isso toda vez que me vê tia.

RITA– Rita!

ANA LUZ– Tia Rita.

RITA– A tia vai mandar alguém tomar naquele lugarzinho cheio de preguinhas.

As duas riem de forma natural e com muita cumplicidade.

RITA– Você deve ter feito alguma coisa errada, não foi? Para tua mãe ter deixado você aqui... fala para Rita, fala!

ANA LUZ– Eu conheci um cara?

RITA– Bonito?

ANA LUZ– Normal.

RITA– Eu já namorei de tudo. Dos normais aos deuses. Mas sempre chamei atenção dos brotinhos. E eu já sei por que.

ANA LUZ– Por que?

RITA– Olha para mim meu anjo. Se você chegar na minha idade e ficar como eu, vai atrair tudo quanto é homem.

ANA LUZ– Ouvindo você falar de quando você era jovem, eu imagino que você deve ter sido uma transona.

RITA– E fui mesmo! Mas hoje estou sozinha. Vivo por vocês, minha família. Mas fala o que você e o seu bonitão aprontaram.

ANA LUZ– Nada! Minha mãe que é implicante.

RITA– Fala a verdade. Em mim você pode confiar.

CONSULTE DIREITO AUTORAL

ANA LUZ– Eu fiz uma coisa errada.

RITA– Você está grávida? Luz de Deus, isso é pecado! Você quer dar dê, mas se proteja. Imagina o que o teu pai vai pensar. E o padre que te batizou. Ele vai me excomungar da igreja.

ANA LUZ– Não é nada disso. Eu sou virgem.

RITA– Jura? Eu na tua idade já tinha tido umas quatro relações. E só fui gozar na sétima. Mas me conte, desembucha.

ANA LUZ– Eu e ele cometemos um crime.

Ouvimos um barulho vindo de fora da cena, como se fosse alguém pulando o muro e na queda quebrou uma cadeira. ***RITA*** *e* ***ANA LUZ*** *ficam apreensivas.*

ANA LUZ– Você ouviu?

RITA– Corre para o quarto. Se tranque lá dentro e não saia até eu chamar.

ANA LUZ– O que você vai fazer?

RITA– Faz o que eu estou mandando. E coloque uma roupa.

ANA LUZ– Toma cuidado!

RITA– Eu sei lidar com homens. Se for bandido então, deixa comigo que eu tiro de letra.

ANA LUZ *sai de cena.* ***RITA*** *fica sozinha. Para se defender ela tira um sapato, ficando apenas com um no pé. Ela utiliza o sapato como arma.*

RITA– Pode vir! Eu sei que você está aí. Seja quem for, saia agora!

VICTOR MAFRA *aparece. Ele está com calça jeans, camiseta e uma máscara do Homem Aranha. Ele tenta disfarçar que está disfarçado, além de sentir muita dor no corpo ao cair de uma altura de três metros.*

VICTOR– Mãos ao alto! E nem um pio!

RITA– Não chegue perto de mim. Senão leva uma sapatada.

VICTOR– Cala a boca vadia.

RITA– Quem é você?

VICTOR– Não está me reconhecendo?

RITA– Fala direto. Eu não estou entendendo. Articula.

VICTOR *levanta a máscara deixando a boca para fora.*

CONSULTE DIREITO AUTORAL

VICTOR– Sou o Homem Aranha.

RITA– E você acha que eu sou a Mary Jane!

VICTOR– E quem disse que não.

RITA– Você veio aqui me comer? É isso?

VICTOR– O que você está dizendo.

RITA– Eu não vou liberar facilmente. Não vou.

VICTOR– Tira a calcinha. Anda.

RITA– Para que?

VICTOR– Por que eu estou mandando. Tira! Agora!

RITA– Eu vou atender o seu pedido, mas antes vira para lá.

VICTOR *vira-se de costas para a mulher, mas não perde atenção em suas ações. Devagar* ***RITA*** *tira sua calcinha e joga no chão próximo ao rapaz.*

RITA– Já tirei. O que você vai fazer comigo?

VICTOR *pega a calcinha de* ***RITA*** *lentamente e cheira profundamente. Em seguida veste a calcinha da mulher por cima da sua própria roupa.*

VICTOR– Eu fiquei bem.

RITA– Não vai me dizer que você é veado? Puta merda, eu achando que ia ter uma transa com o Spider Man...

VICTOR– Onde está o Paco?

RITA– Se veio atrás dele, pode tirar seu cavalinho da chuva que ele saiu. E vai demorar. Nós temos duas horas para fazer o que a gente quiser antes dele chegar. Vai, pode vir.

VICTOR– Você está maluca?

RITA– Maluca de desejo. Agora eu quero, vem!

VICTOR– Acho que você se enganou a meu respeito.

RITA– Lança sua teia sobre mim: Homem Aranha.

Ouvimos o som de um mambo. ***RITA*** *persegue* ***VICTOR MAFRA****, o "Homem Aranha" anda pela sala numa coreografia sensual e divertida. Durante a ação a mulher é quem tem atitude, enquanto o homem apenas se deixa levar. Depois de um tempo* ***VICTOR MAFRA*** *dispara.*

VICTOR– Chega! Eu não sou o Homem Aranha.

CONSULTE DIREITO AUTORAL

O homem tira a máscara.

VICTOR– Sou eu, Victor Mafra.

RITA– Safado! Veio aqui disfarçado para abusar de mim?

***RITA** tem um ataque histérico e começa a chorar.*

VICTOR– Não precisa chorar. Está tudo bem!

***ANA LUZ** aparece em cena. **RITA** se desespera.*

RITA– Não chega perto dele Luz. Ele é um tarado ordinário.

VICTOR– Ela está muito nervosa...

ANA LUZ– O que você está fazendo aqui?

VICTOR– Eu tentei explicar, mas ela não deixa.

RITA– Explicar o que? Até a minha calcinha ele roubou.

***ANA LUZ** tem um ataque de riso. **VICTOR MAFRA** fica envergonhado enquanto **RITA** tira um tanto de flor de um dos vasos e parte para cima do homem. Começa a espancá-lo com as flores artificiais. **PACO** e **GRINGO** retornam do passeio e se deparam com a cena patética dentro da sua casa.*

RITA– Ainda bem que você chegou.

PACO– O que foi que aconteceu?

RITA– Esse monstro terrível tentou me violentar. Ele só não foi até as últimas consequências por que eu impedi.

PACO– É isso mesmo Victor?

VICTOR– É e não é.

PACO– É ou não é?

RITA– É!

PACO– Ana Luz?

ANA LUZ– Quando eu cheguei ele já estava de pé perto da porta e a tia Rita sentada no chão chorando.

***RITA** chora de forma mais exagerada.*

PACO– Ana Luz leva a Rita para o quarto. Eu vou ter uma conversa com

CONSULTE DIREITO AUTORAL

o Victor para tentar entender o que houve aqui.

RITA– Esse tarado merece ser capado. Escroto!

***ANA LUZ** e **RITA** saem. Estamos com **GRINGO**, **VICTOR** e **PACO**.*

PACO– Gringo você faria a gentileza de me deixar um tempo a sós com meu amigo? Além de amigo, ele é meu chefe e nós temo assuntos de trabalho para resolver.

GRINGO– Eu vou lá buscar o creme. Está na hora da sua massagem.

***GRINGO** sai de cena tranquilamente.*

VICTOR– Esse é o tal?

PACO– É! Mas antes me conta o que aconteceu com a Rita.

VICTOR– Eu vim até aqui, conforme você me pediu. Eu pensei num jeito de dar um susto nele, mas eu me deparei com a sua irmã. Eu escolhi essa máscara para me disfarçar.

***VICTOR** mostra a máscara do "Homem Aranha". **PACO** ri.*

VICTOR– Não é engraçado.

PACO– Desculpa, mas é que eu posso imaginar a expressão da Rita quando deu de cara com você.

VICTOR– E agora eu fiquei com fama de tarado.

PACO– A Rita é dramática, mas logo passa. Logo ela esquece. Mas me conta o que você pretendia fazer?

VICTOR– Dar um susto no menino. Para ele cair fora daqui.

PACO– O cara tem uma arma.

***GRINGO** retorna a cena com um pote de creme. Ele senta-se próximo a **PACO**, abre a tampa do pote e tira um tanto de creme de dentro e começa a massagear a mão do homem. **VICTOR** e **PACO** conversam, mas com cautela.*

VICTOR– Como eu lhe disse, eu preciso que você termine o texto antes do início dos ensaios. Já sabe quem é o elenco?

PACO– Eu andei pensando... que tal se ao invés de uma peça, nós voltássemos a produzir filmes?

VICTOR– O custo dobraria.

CONSULTE DIREITO AUTORAL

PACO– Mas nós temos verba para isso. Pelo menos no edital aprovado para este ano dizia que devíamos prestar conta de dois espetáculos e um filme de média ou longa-metragem.

VICTOR– E até agora não realizamos nada.

PACO– Por conta do meu acidente.

VICTOR– Por conta de atrasos da sua parte.

PACO– Por conta das inúmeras merdas que vem me acontecendo.

VICTOR– Você é um diretor e autor de sucesso; e não um artista que trabalha só quando tem inspiração. Eu preciso de uma boa história, me dê uma ótima. Mas trabalhe.

PACO– Eu farei isso. Assim que tiver a minha vida de volta.

VICTOR– Por que não faz o contrário? Use a sua vida na sua arte.

GRINGO *observa a conversa dos dois.* ***ANA LUZ*** *volta.*

PACO– E como ela está?

ANA LUZ– Conseguiu dormir.

PACO– Ela vai ficar bem.

ANA LUZ– A tia Rita me pediu para você devolver a calcinha dela.

VICTOR *tira a calcinha de* ***RITA****.*

VICTOR– Qualquer coisa pode me ligar. A qualquer hora do dia ou da noite. E ande logo com o seu trabalho.

VICTOR *sai de cena.* ***ANA LUZ*** *e* ***GRINGO*** *se olham.* ***PACO*** *percebe a troca de olhar e interrompe a massagem que o rapaz estava fazendo.*

PACO– Já chega com isso.

GRINGO– Ainda falta a outra mão.

PACO– Não é preciso. Eu tenho que trabalhar. Eu tenho não, eu preciso trabalhar. Aproveite e tira uma semana de folga.

GRINGO *olha para* ***PACO*** *sem entender.*

PACO– Pode levar a chave.

GRINGO– Eu vou arrumar minhas coisas.

CONSULTE DIREITO AUTORAL

GRINGO *sai de cena.* ***PACO*** *e* ***ANA LUZ*** *conversam.*

PACO– Eu não quero você perto desse rapaz.

ANA LUZ– Qual rapaz?

PACO– Você sabe muito bem de qual rapaz eu estou falando. Eu notei o jeito como ele te olha, e quer saber do que mais... ele mesmo me contou que tentou espiar você no banho. Ele é uma péssima influência para você.

ANA LUZ– Não fui eu quem o colocou dentro de casa.

PACO– Foi esse tal de Gringo que me atropelou e fugiu em seguida. Depois bateu a minha porta com um papo de que veio me ajudar.

ANA LUZ– E qual o grilo?

PACO– Eu não confio nele.

GRINGO *retorna a cena.*

GRINGO– Eu não tenho muita coisa para juntar. Então... eu volto na semana que vem. Você vai se cuidar direito?

PACO– Sim. Mas caso eu morra, eu também te livro dessa missão.

GRINGO– Então é isso. Até mais.

GRINGO *sai de cena.* ***PACO*** *prossegue.*

PACO– Pelo menos eu me livrei de mais um.

ANA LUZ– O que foi que você disse?

PACO– Por que você não faz alguma coisa para se distrair. Leia um livro.

ANA LUZ– Para que?

PACO– Para você aprender sobre uma cultura diferente da sua.

ANA LUZ– Dá muito trabalho.

PACO– Ler devia ser um hábito.

ANA LUZ– Me dá dinheiro vai. Eu quero comprar um sorvete.

PACO– Sua mãe não te deu?

ANA LUZ– Ela nunca dá. Ela diz que você não é regular com a pensão.

PACO– Minha carteira está na segunda gaveta do meu guarda roupa, na parte de meias. Pega a quantia que você precisa para um sorvete.

ANA LUZ *sai de cena.* ***PACO*** *fica sozinho.*

CONSULTE DIREITO AUTORAL

PACO– Eu só preciso de uma inspiração.

PACO *pega o currículo de* ***SOLEDADE*** *e olha com cautela.* ***ANA LUZ*** *entra em cena com uma nota de dinheiro na mão. Ela mostra para* ***PACO****.*

ANA LUZ– Eu estou indo. Eu não demoro.

ANA LUZ *dá um beijo no homem e sai de cena. Depois de um tempo ele pega o telefone e disca.* ***SOLEDADE*** *aparece em cena numa roupa muito sensual como se na imaginação do diretor, ela fosse como sua musa inspiradora.*

PACO– Alô... Soledade?

SOLEDADE– Sim. Sou eu.

PACO– Quem fala é o Paco.

SOLEDADE– Eu reconheci a sua voz.

PACO– Eu queria conversar com você.

SOLEDADE– Não é o que estamos fazendo?

PACO– Você está ocupada?

SOLEDADE– Sim.

PACO– Eu ligo em outra hora.

SOLEDADE– Mas nunca para você.

PACO– Então nós podemos conversar?

SOLEDADE– Claro. Mas como você me ligou, deve ter alguma coisa importante para dizer.

PACO– E tenho. Eu queria ter ver.

Neste momento ouvimos uma música instrumental. Um vídeo projetado ao fundo do palco mostra ***ANA LUZ*** *se encontrando com* ***GRINGO****. Ela se aproxima do rapaz e mostra a ele uma quantia grande de dinheiro que roubou de* ***PACO****. Eles se beijam violentamente em seguida ela coloca o capacete e senta na garupa da moto. Os dois saem em alta velocidade. Uma subjetiva do olhar da menina nos dá a dimensão do caminho percorrido pelo casal.* ***PACO*** *está ao telefone com* ***SOL****. Aos poucos entram em cena,* ***RITA****,* ***OLGA*** *e* ***AMPARO****.*

SOLEDADE– Você pode adiantar o assunto ou só pessoalmente?

PACO– Eu posso te encontrar?

SOLEDADE– Não. Mas eu posso te encontrar.

CONSULTE DIREITO AUTORAL

PACO– Eu preciso que seja hoje.

SOLEDADE– Hoje?

PACO– Agora. Você pode?

SOLEDADE– E quem sou eu para dizer não a você.

PACO– Aonde eu te encontro?

SOL– Na tua casa.

PACO– Combinado. Pode vir que eu pago o taxi.

*As atrizes deixam a cena. Restam **AMPARO** e **PACO**. Os dois se olham por um tempo. Sorriem discretamente.*

AMPARO– Por que o espanto?

PACO– Eu não esperava a sua visita.

AMPARO– Depois de tanto tempo eu não mereço um abraço?

***AMPARO** e **PACO** ainda se olham.*

PACO– Eu te cumprimento como mulher ou homem?

AMPARO– Como um amigo.

***AMPARO** e **PACO** se abraçam de forma carinhosa, tanto que o chapéu da mulher cai no chão revelando ainda mais a sua beleza misteriosa e num corpo escultural.*

PACO– Você está linda!

AMPARO– O tempo também foi generoso contigo. Mas é verdade, eu estou na minha melhor fase. Recebeu a minha carta?

PACO– Não! Quer dizer, eu não sei. Eu não abro as correspondências.

AMPARO– Vivendo no subterrâneo... Bruce!

PACO– Como é?

AMPARO– Wayne! Lembra? Você sempre gostou da escuridão.

PACO– Batman e Robin.

AMPARO– Eu e você.

***AMPARO** e **PACO** riem de forma natural e sincera.*

CONSULTE DIREITO AUTORAL

AMPARO– Então não recebeu a minha carta? Estranho.

PACO– Como eu disse, eu não abro as correspondências.

AMPARO– Acidente?

PACO– Sim.

AMPARO– É! Você é muito certinho para atentar contra si mesmo.

PACO– Eu fui...

AMPARO– Me deixei adivinhar. Você foi atropelado!

PACO– Bingo.

AMPARO– Eu quero saber de tudo... anda! Não! Eu ainda estou intrigada por você não ter recebido a minha correspondência.

PACO– Depois do acidente a Rita veio para cá cuidar de mim.

AMPARO– Eu mandei com aviso de recebimento.

PACO– Ela deve ter aberto a correspondência, assim como ela faz com os telefonemas.

AMPARO– Eu guardei o recibo. Está em algum lugar da minha bolsa.

AMPARO *vai até a sua bolsa e começa a revirar para encontrar o recibo, mas não consegue. Ela desiste.*

AMPARO– Como vês eu continuo desorganizada. Eu sei que está aqui dentro. Eu guardei. Nós mulheres levamos o mundo dentro da bolsa, mas não encontramos um país quando precisamos.

PACO *olha para* ***AMPARO*** *com estranheza.*

AMPARO– O que foi?

PACO– Eu preciso me acostumar. Agora você tem uma nova identidade. Deixou de ser um homem para se tornar...

AMPARO– Para me tornar um ser humano como outro qualquer.

PACO– E quem disse que não?

AMPARO *foge do olhar de* ***PACO*** *e volta a procurar o aviso de recebimento do correio dentro de sua bolsa.*

AMPARO– Achei! Está aqui. Eu não disse. Salve a Espanha!

AMPARO *entrega o documento para* ***PACO****.*

CONSULTE DIREITO AUTORAL

AMPARO– Assinado por.... Eu só consigo entender um “G” e um “O” no final. Isso é um “N”? Decifre para mim.

PACO– Gringo.

AMPARO– E de quem se trata? É seu assistente?

PACO– Não! É um rapaz.

AMPARO– Bonito? Adoro garotos rústicos. E esse deve ser. Pela letra, certeza que é um daqueles broncos de coxas grossas.

PACO– Se eu fosse você não investiria o seu tempo.

AMPARO– Deve ser pauzudo. Adoro um pau liso e grande.

PACO *olha para* ***AMPARO*** *com surpresa.*

AMPARO– Se fosse para falar das partes íntimas de uma mulher, você certamente não faria essa expressão de espanto.

PACO– Desculpa. É que eu ainda não me acostumei.

AMPARO *pega um cigarro dentro de sua bolsa e num tempo natural acende o mesmo sem perder a elegância.*

AMPARO– E esse tal de Gringo... ele é o que seu? Se não é assistente, também não deve ser um caso. Você é heterossexual demais para ter uma relação com outro homem. Posso fumar aqui?

PACO– Fique à vontade.

AMPARO– Acho isso uma bobagem. Você deve chamar de perversão, mas todos temos a libido bissexual. E assim deveríamos nos comportar.

PACO– Você sempre autêntica.

AMPARO– Jura que não leu a minha carta? Eu falava sobre essa minha característica que, aliás é o melhor em mim.

PACO– O que você tem feito da vida?

AMPARO– Vivido. Ou você vive a vida ou ela te consome por completo. Diga-se de passagem, eu tenho aproveitado tudo o que eu tenho direito. É como se eu tivesse, finalmente, sido premiada com um bilhete de loteria depois de muito tempo vivendo uma mentira.

PACO– Eu estou trabalhando num novo projeto.

AMPARO– Eu não quero saber. Agora vamos falar de mim. Eu leio sobre você, assisto as suas entrevistas. Acredite, sei muito da sua vida. Mais do que você imagina.

CONSULTE DIREITO AUTORAL

AMPARO *anda pelo espaço e analisa obras de arte. São telas imensas brancas, sem nenhuma pintura.*

AMPARO– Você ainda coleciona obras de arte?

PACO– Não. Eu só coleciono lembranças.

AMPARO– Esse fui eu quem te deu, lembra? Ainda tem a minha dedicatória atrás ou você apagou?

AMPARO *vai atrás da tela.*

AMPARO– "Para Paco com carinho, de minha passagem por Milão".

AMPARO *aproxima-se de* ***PACO****.*

AMPARO– Levanta. Vai, levanta!

PACO *levanta-se com dificuldades.*

AMPARO– Eu continuo linda. Diz que sim.

PACO– Você ainda provocativa.

AMPARO– Eu ainda me lembro daquela noite. A nossa noite.

PACO– Foi! Mas em mim pouco restou.

AMPARO– Bobo. Então que tal repetir?

PACO– Precisaríamos de mais um.

AMPARO– Um?

PACO– Uma...

AMPARO– Um, uma... que seja! Eu não tenho preconceito. Quer ver como ficou?

PACO– O que?

AMPARO– A cirurgia. Ou melhor, o resultado dela. Vai senta. Nenhum homem jamais viu. Acredita? Você vai ser o primeiro.

AMPARO *fica em cima de* ***PACO*** *na cadeira e levanta a saia deixando a sua vagina recém feita na cara do homem. Depois de um tempo sai de cima de* ***PACO****.* ***AMPARO*** *parece estar realizada com a provocação.*

AMPARO– É ou não é uma autêntica xoxota!

CONSULTE DIREITO AUTORAL

PACO– Você pode me responder uma dúvida?

AMPARO– Todas.

PACO– Uma.

AMPARO– Eu posso fumar?

AMPARO *acende mais um cigarro.*

PACO– Você sabe que eu tenho uma filha...

AMPARO– Com a Olga!

PACO– Sim! Com a Olga.

AMPARO– E como ela está?

PACO– Ela interrompeu a carreira depois que a Ana Luz nasceu.

AMPARO– Ela continua bonita? Eu sempre achei a Olga uma mulher como nenhuma outra. Durante o meu processo de transformação eu pensava nela o tempo todo.

PACO– Você é o pai da Ana Luz.

AMPARO *não move um músculo sequer, nem o da vagina. Da mesma maneira que estava fumando, ela permanece.*

AMPARO– Uma filha? Eu tenho uma filha.

PACO– Você não diz mais nada?

AMPARO– A notícia por si só é suficiente para que eu ganhe o direito de permanecer em silêncio.

Depois de um tempo ***ANA LUZ*** *aparece em cena.* ***AMPARO*** *e a menina se olham.* ***PACO*** *decide quebrar o gelo.*

PACO– Luz eu gostaria que você conhecesse uma amiga. Amparo. Uma antiga amiga do seu pai que veio de longe nos fazer uma visita.

AMPARO *olha fixamente para* ***ANA LUZ*** *e se emociona ao se deparar com tamanha beleza juvenil num corpo esguio.*

PACO– Eu e a Amparo no conhecemos há quase trinta anos. Ela e eu começamos juntos a trabalhar com arte. Ah, claro, a sua mãe, a Olga também. Nós três éramos inseparáveis. Lembra do filme que eu te levei para ver no cinema: “Os Sonhadores” do Bertolucci. Nós éramos como aqueles jovens, cheios de vida, inseparáveis.

CONSULTE DIREITO AUTORAL

Neste momento seria ideal a inserção de um vídeo de uma criança de no máximo três anos (menina) livre e solta num campo muito verde e vasto. Há a presença de um adulto, mas como nos desenhos de Tom e Jerry, a câmera só enquadra da cintura para baixo. Toda a movimentação da criança deve ser livre e espontânea.

PACO– Você nasceu e nós continuávamos amigos. Eu e sua mãe, vivíamos juntos, e a Amparo morava conosco. Durante alguns anos nós criamos você como uma família.

AMPARO– Você se esqueceu de dizer que nesse período eu era um rapaz. Pedro, era o meu nome. Pedro Antônio Santana. Mas eu nunca entendi por que tinham me dado um nome masculino e havia em mim um maldito pênis. Eu era uma mulher num corpo errado. Então, o Paco e sua mãe me acolheram. Como um "amigo" eu morei de favor durante anos e anos. Nós também dividíamos a cama. E a Olga.

PACO– Amparo por favor!

AMPARO– Eu sou seu pai menina.

ANA LUZ– Eu sei!

Silêncio. Os três apenas se olham.

ANA LUZ– Durante um tempo você escreveu para minha mãe. Vocês mantiveram contato através de cartas.

PACO– As cartas que você me disse... eram essas?

ANA LUZ– Minha mãe guardou uma por uma. Colocou número em cada uma delas. Vez em quando ela lia. Ela passava a noite inteira lendo as cartas que vocês trocavam.

AMPARO– A Olga sempre me fascinou.

ANA LUZ– Então você é o meu pai?

AMPARO– Eu fui.

PACO– Eu sou o seu pai Luz!

OLGA *entra em cena.*

OLGA– Desculpa, eu não sabia que você estava com visita. Se soubesse teria combinado de pegar a Ana Luz antes.

PACO– Que bom que você chegou. Que bom!

OLGA– Eu tenho a chave, mas eu quiser eu posso devolver.

PACO– Não! Senta... por favor.

CONSULTE DIREITO AUTORAL

OLGA *assente ao pedido do homem.* ***AMPARO*** *e* ***OLGA*** *até este momento não se olharam diretamente nos olhos.*

PACO– Eu só queria que vocês se encontrassem.

OLGA– Que brincadeira é essa? Encontrar com quem?

AMPARO *se vira para* ***OLGA****. As duas se olham.* ***AMPARO*** *se abaixa se aproximando de* ***OLGA*** *e lhe dá um singelo beijo na boca.*

OLGA– Pedro?

AMPARO– Olga!

OLGA– Quando foi que você chegou?

AMPARO– Vamos pular essa etapa. Eu soube da Ana Luz.

OLGA– Eu entenderia se você não me perdoar.

AMPARO– Eu não sou Deus. E a minha lista de crimes contra a humanidade é grande demais para cobrar sinceridade de alguém.

AMPARO *olha para* ***OLGA*** *de cima abaixo.*

OLGA– Você também acha que eu engordei?

AMPARO– Uma vez gostosa, sempre gostosa.

ANA LUZ– Eu achei que nunca fosse dizer isso, mas eu queria muito que meu pai e minha mãe fossem casados.

Todos riem. ***RITA*** *aparece em cena trazendo uma bandeja de guloseimas e bebidas.* ***GRINGO*** *entra com a mulher e ajuda-a com os comes e bebes. Eles distribuem para os presentes.*

RITA– Eu preparei coisinhas para gente beliscar. Não quero que ninguém passe fome dentro da minha casa.

PACO– No caso a minha.

Mais risadas. ***AMPARO*** *se aproxima de* ***PACO****.*

AMPARO– Esse é o bronco de coxas grossas?

PACO– Vai com cuidado.

CONSULTE DIREITO AUTORAL

AMPARO– Ele é quem tem que ter cuidado comigo.

AMPARO *vai em direção de* ***GRINGO****.* ***PACO*** *está perto de* ***OLGA*** *que ajuda* ***ANA LUZ*** *com os comes e bebes.*

PACO– Eu gostaria de te agradecer.

OLGA– Você sendo gentil comigo?

PACO– O seu comportamento diante dessa história, enfim, eu fiquei muito orgulhoso de você.

RITA *fala mais alto para chamar atenção.* ***OLGA*** *serve-se de bebida alcóolica e a partir de então ela bebe muito.*

RITA– Gostaram das flores? Eu comprei hoje pela manhã.

ANA LUZ– Mentira! A tia Rita rouba flor de cemitério.

Todos riem. ***AMPARO*** *se aproxima de* ***GRINGO****.*

AMPARO– Eu gostei de você.

GRINGO– Valeu. Mas eu estou em serviço.

AMPARO– O Paco é meu amigo, ele pode dar uma folga para você.

GRINGO– Ele precisa de mim.

AMPARO– Eu preciso de você.

RITA *e* ***ANA LUZ*** *conversam em particular.*

RITA– Está tudo muito bom, está tudo muito bem, mas quando é que você vai contar para o seu pai?

ANA LUZ– Quando for a hora.

RITA– Se você não falar, falou eu!

AMPARO *e* ***GRINGO*** *conversam.*

AMPARO– Quantos anos você acha que eu tenho?

GRINGO– Sei lá... uns trinta e sete.

AMPARO– E você acha que eu estou bem?

CONSULTE DIREITO AUTORAL

GRINGO– A senhora é muito conservada.

AMPARO– Gostosa?

GRINGO– Sim.

AMPARO– E se eu disser para você que eu sou virgem. Minha xoxota continua intacta. Nunca ninguém penetrou.

PACO *se aproxima de* ***ANA LUZ.***

PACO– Está tudo bem?

ANA LUZ– Esse cara vai ficar aqui muito tempo?

PACO– O Gringo?

ANA LUZ– Eu não gosto dele. Ele me incomoda.

PACO *observa a atitude do rapaz.* ***OLGA*** *fala com* ***AMPARO****.*

OLGA– Então quer dizer que você está de volta. Veio para ficar?

AMPARO– Você bem sabe que não.

OLGA– A Ana Luz precisa de um pai de verdade.

AMPARO– Ela tem o Paco.

OLGA *diz em alto e bom tom para todos ouvirem.*

OLGA– Eu nunca te esqueci. E mesmo assim, vestido de mulher e num corpo feminino eu realmente preciso de dizer: eu não te esqueci.

PACO *interrompe* ***OLGA****. A mulher serve-se de bebida mais uma vez.*

PACO– E então? Nós estamos reunidos em minha casa, contra a minha vontade é bom que fique claro; e eu gostaria de saber o que estamos comemorando. Se é que há um motivo para festejos.

OLGA– A sua recuperação.

AMPARO– Ao meu retorno.

OLGA– Ao retorno do Pedro.

Os presentes ficam sem graça pelo comentário de ***OLGA****.*

CONSULTE DIREITO AUTORAL

OLGA– O nome dele não é esse? Pedro!

AMPARO– Meu nome de menino. Aliás, eu já contei que o padre ordenou que eu fosse batizada logo ao nascer.

OLGA– E mais uma vez, o foco volta-se para você. Pedro!

AMPARO– Eu acho que nós devíamos substituir os destilados por suco natural. Tem gente que não consegue beber socialmente.

PACO– Vocês duas não podem ficar no mesmo lugar que já começam a trocar farpas.

OLGA– Vá em frente. Conte-me sobre você Amparo. Afinal, a festinha é para comemorar o seu retorno.

AMPARO *acende um cigarro.*

AMPARO– Eu sempre gostei de ser bem recebida por onde eu passei. E o Paco sempre foi um homem muito gentil. Vocês se incomodam se eu fumar?

OLGA– Assim como os destilados, o tabaco também devia ser proibido. Se os usuários soubessem o mal que faz.

GRINGO– O álcool também é um veneno para o fígado.

AMPARO– Olha só, o bronco de coxas grossas me defendendo.

OLGA– E então? Vamos a sua história. O padre ordenou que você fosse batizado assim que nasceu... O que mais?

AMPARO– Eu nasci de parto normal. Aliás, eu acho que a vagina feminina foi feita para isso. Os homens – machos – vem com seus membros e nos fecundam.

OLGA– E o que isso tem a ver com o seu batizado.

AMPARO– Não foi assim com a gente Olga? Eu, homem, numa de nossas noitadas, acertei o alvo e olha só, tivemos uma linda filha.

ANA LUZ– Vocês podem pular essa parte? Está foda para mim imaginar vocês duas transando.

AMPARO– Voltemos a vagina. A poderosa vagina. Vocês homens não imaginam o quanto nós, mulheres, somos poderosas por ter no meio de nossas pernas esse corte vertical que é porta de entrada e saída para uma vida. Eu fui gerada num bordel no centro da cidade. Minha mãe era uma vadia, cretina, que se deitava com qualquer um. Até os padres frequentavam aquele pulgueiro. Eu sou filha de uma transa efêmera com um padre. O padre Inácio, o mesmo que batizou você Ana Luz. Quando eu nasci, de parto normal, o padre ordenou que eu fosse batizada imediatamente. A igreja diz que no parto normal, o homem, já nasce esfregando seu membro na vagina da sua mãe. E para que eu não fosse considerada impura, eu devia ser abençoada com o batismo. Minha mãe, como uma vadia que era, nunca pisou os pés numa igreja. Minto, ela

CONSULTE DIREITO AUTORAL

esteve uma única vez. Foi na sacrista que ela me apresentou ao meu pai. Ela morreu de sífilis. E então eu passei a morar no quarto dos fundos da igreja. Eu jamais fui batizada, por que o meu pai, o padre, abusava de mim. E desde então, eu desejei ter uma vagina para poder dar prazer aos homens. E para quem estiver curioso, sim, eu já me encontrei com meu pai. Ele não me conheceu até que eu começar a confessar os meus pecados.

Todos estão quietos com a confissão de mulher. ***OLGA*** *resolve chamar atenção.*

OLGA– Eu também quero falar. Eu tenho direito, não tenho? Eu prometo ser breve, não vou demorar. E Paco, eu também pouparei você dos meus ataques. Por hoje! Se não for pedir muito, e o que restou do meu talento não for uma agressão a vocês; eu gostaria de cantar.

A campainha toca. Todos riem disfarçadamente.

OLGA– Dionísio me deixando de castigo mais uma vez.

PACO– Foi só a campainha.

OLGA– Se ao menos fossem três sinais.

A campainha toca três vezes.

PACO– Alguém pode atender?

RITA *vai atender.* ***VICTOR MAFRA*** *entra em cena com* ***SOLEDADE****. O diretor estranha a presença dos dois, mas age naturalmente.* ***RITA*** *paralisa diante da presença de* ***VICTOR MAFRA****.*

PACO– E quando eu penso que a festa está terminando, eis que surge...

VICTOR– Como vai?

PACO– Victor Mafra!

RITA– O tarado que abusou de mim.

PACO– Tudo não passou de um mal-entendido.

RITA– Só se for para você. Além de me deixar toda dolorida, ele ainda não me ligou no dia seguinte. Insensível.

PACO– Não sei se você notou, mas ele está acompanhado. Você não vai me apresentar a sua amiga.

SOL– Soledade. Muito prazer.

CONSULTE DIREITO AUTORAL

***SOL** cumprimenta **PACO** com dois beijos próximos a boca.*

PACO– Victor, você não me disse que estava namorando.

***OLGA** bebe mais e mais. **SOL** e **PACO** conversam afastados dos demais.*

PACO– O que você está fazendo aqui?

SOLEDADE– Eu vim ao seu encontro, conforme você me pediu.

PACO– Você e o Victor estão namorando?

SOLEDADE– Você demorou para me dar a resposta do teste, então eu...

PACO– Dispensou o dramaturgo e foi direto no produtor. Esperta!

SOLEDADE– Eu sou apenas uma jovem atriz iniciante em busca de uma oportunidade. Com licença, eu vou cumprimentar as pessoas.

***SOL** se afasta de **PACO** e vai para perto de **VICTOR** agindo como se fosse a sua namorada. **OLGA** se aproxima de **PACO**.*

OLGA– No final das contas eu sou a única que me mantenho fie a você. Essa moça foi mais esperta que nós dois.

PACO– É! Hora de eu entrar em cena.

***PACO** fala em alto e bom som.*

PACO– Eu queria pedir um minuto da atenção de todos vocês.

Todos ficam em silêncio. O homem começa a discursar.

PACO– Obrigado. Eu sei que cada um que está aqui tem um motivo especial para tal encontro. Ninguém escolheu, por livre e espontânea vontade sair de sua casa, só para compartilhar da minha companhia sabendo que eu não me apeteço de gente por perto. E como este é o meu espaço, nada mais justo que eu fale.

*Durante o discurso de **PACO** ouvimos uma música instrumental. Todos fazem expressões de interesse no assunto. Um vídeo projetado no telão, mostra em close, os atores com expressões de ironia, deboche, rindo, entre outras sensações. **PACO** prossegue o discurso.*

CONSULTE DIREITO AUTORAL

PACO– Eu costumo dizer que não fui eu que escolhi o teatro, e sim, ele que me acolheu. Desde pequeno eu sempre gostei de fugir da realidade. Eu tinha um mundo paralelo que me desviava do mundo real, que era por vezes chato e muito entediante. Então eu me lancei nessa gangorra vertical que me levou para um lugar onde as possibilidades são infindáveis. Eu podia criar um destino. E destruí-lo logo depois. Foi me dado o direito de construir e destruir. Personagens, histórias, atores, pessoas... a mim! Sim, porque o maior prazer de estar vivo é o fato de saber que nada é duradouro. Tudo é efêmero. Uma vez eu disse ao Gringo que a arte vende a ilusão. A mentira, a farsa. O que se distancia do real para poder se aproximar do ideal. Querem ver?

PACO *deixa sua bengala cair.* ***RITA*** *se preocupa,* ***GRINGO*** *faz cara de espanto. Um a um tem reações adversas e orgânicas.*

PACO– Eu não preciso de bengala porque ela não é real. Assim como eu não preciso de nenhuma muleta e em nada eu devo me apegar para dar desculpas da merda de vida eu levo. Sim, porque metade de todos nós, é composto de angustia e raiva. A outra metade é composta de pensamento furtivos e esperança. Podem rir. Eu sei que por dentro vocês estão bem distantes dessas expressões de surpresa.

RITA *pega a bengala de* ***PACO*** *e tenta entregar ao homem que segura e logo em seguida derruba novamente. Ele ri um riso grotesco.*

PACO– Eu acredito na transformação que o teatro pode provocar na sociedade. E em mim? O que ele deve provocar? Rita! Me responda.

RITA *desvia o olhar.*

PACO– Alguém arrisca dizer? Vamos! Respondam bando de pequenos intelectuais metidos a críticos da vida alheia. Eu já me livrei da bengala. Quem vai ser o primeiro a se livrar da muleta. Da máscara.

AMPARO– Você sabe que eu não uso máscaras.

PACO– Ah não?

AMPARO– Elas ficaram no passado.

PACO– E por que não vamos a ele. Alguém tem um batom?

SOL *tira de sua bolsa de mão e entrega ao homem.* ***PACO*** *passa o batom em sua boca de forma grotesca pintando todo o seu lábio além de parte da bochecha. Em seguida ele esfrega a mão para deixar a maquiagem ainda mais*

CONSULTE DIREITO AUTORAL

grotesca, assemelhando-se ao Coringa.

PACO– Olá Robin! Você por acaso viu o homem morcego?

AMPARO– Ridículo.

PACO– Eis o ponto onde eu queria chegar. O quão ridícula é a vida. Por isso a arte tem ficado cada vez menos criativa e cada vez mais descartável.

AMPARO– Você devia se olhar no espelho.

PACO– E você devia se olhar por dentro.

AMPARO– E com tudo isso você pretende chegar onde?

PACO– Onde eu quiser, isso tudo foi criado por mim. Vocês estão no meu mundo. Eu que mando aqui. As portas não existem, nem fechaduras. Vocês estão enxergando alguma? Isso é teatro!

AMPARO– Você só pode estar louco.

PACO– Quem foi que decidiu mudar de sexo não fui eu. Vamos falar de loucura. Melhor, vamos falar de tara. E ninguém melhor do que você para nos dizer sobre esse assunto. Antes, eu preciso ser gentil com você.

***PACO** pega um tanto de flor artificial de um dos vasos.*

PACO– Flores de plástico! Artificiais. Cheira para ver.

***PACO** esfrega as flores no nariz de **RITA** e **SOL**.*

RITA– Você está me machucando.

PACO– Eu estou me limpando por dentro. Não é isso que você me disse uma vez: quando estamos limpando por fora estamos... Fala!

RITA– Estamos organizando o interno.

PACO– Isso! Eu quero me limpar de vocês. De você também Rita. E essas flores de plástico que você rouba no cemitério. Sim, porque além de tudo você é ladra. O que mais você pretende roubar? Afeto? De quem: do Victor? Ou do Homem Aranha?

***PACO** ri sem hora para parar.*

PACO– Tudo é artificial. As flores comprovam essa teoria. Plás-ti-co! Mentira, fuga, ilusão.

***PACO** entrega flores para **AMPARO**. A mulher aceita prontamente.*

CONSULTE DIREITO AUTORAL

AMPARO– Obrigada.

PACO– Não me agradeça. Você está mentindo.

AMPARO *joga as flores no chão.* ***PACO*** *pega quantas forem necessárias e começa a despetalar.*

PACO– Uma vez eu disse a você Pedro, que era necessário um ano para que a dor de um luto se completasse. Foi quando você foi embora.

AMPARO– Eu não fui.

PACO– Foi!

AMPARO– Não fui!

PACO– Foi sim! Você foi um marujo desertor. Fugiu de mim e da Olga quando a barra pesou. Não soube lidar com um problema e então preferiu pegar suas coisas e se mandar. Não é mesmo Olga? Não diga nada. Você vai começar a falar, falar e falar. Mais uma razão você tem. Eu passei por traumas e sobrevivi. Quando o Pedro foi embora. Sim ele se chama Pedro. Amparo é o personagem que ele criou para tentar ser feliz. Mas a felicidade é só ilusão, ela é passageira. Quando o Pedro foi embora, ele levou muito de mim. De nós. A Olga já tinha me dito o quanto ela estava envolvida emocionalmente com ele, e que a nossa relação já tinha um ponto final, só faltava alguém decidir. E lá veio o Pedro, embriagado de álcool e tesão. Nós bebemos mais e...

AMPARO– E dormimos juntos.

PACO– Eu vou falar, eu! Não você, seu puto de merda.

AMPARO– Nós tivemos uma noite. Eu fui embora por que no dia seguinte, a Olga, já grávida desconfiou que algo tivesse acontecido. E o Paco, careta, chato... ele deixou transparecer.

PACO *corre até* ***GRINGO*** *e retira a arma do homem.*

PACO– Viram só! Eu tenho uma arma.

VICTOR– E o que você vai fazer?

PACO– O que se costuma fazer quando se tem uma arma: ir até o fim. Gringo vem cá!

GRINGO *atendo ao pedido. Ele devolve a arma para o rapaz com calma.*

PACO– Aponta para mim.

GRINGO– Eu não posso.

CONSULTE DIRETORAL

PACO– Claro que pode. Foi a primeira coisa que você fez quando chegou. O que foi que mudou? Aponta essa porra!

GRINGO *aponta a arma para* ***PACO****.*

PACO– Eu costumo dizer que representar é imitar a realidade. Mas como se apropriar de algo que não conhecemos. A morte! Cabe tudo isso na minha lápide? Atira!

GRINGO– Eu não consigo.

PACO– Atira! Você não veio concluir o serviço? Vai se moleque burro, atira! É a sua chance.

GRINGO– Desculpa!

GRINGO *atira em* ***PACO****. O homem cai devagar. Todos permanecem imóveis, em seus lugares. Depois de um tempo o homem ele abre o olho e levanta.* ***GRINGO*** *chora muito.*

PACO– Como eu morri? Aposto que metade de vocês não ia chorar no meu velório. Eu sinto, a arma é de brinquedo, é teatro. Puro teatro.

GRINGO– O que você está fazendo?

PACO– Não chora! Pelo contrário, você devia se orgulhar do seu papel. Você acreditou que podia me matar. É isso que os atores buscam a vida toda: a verdade. Alguns jamais encontram, então são descartados. E você foi incrível. Não chore!

VICTOR– Você quer brincar com a gente?

PACO– Não Victor. Vocês não sabem brincar. Só sabem se aproximar. Aliás, vamos falar de encontros. As pessoas se unem na vida com interesses comuns, certo? Errado! As pessoas se encontram, grudam umas com as outras como carrapatos que sugam o sangue. É assim que eu vejo as relações. Soledade, como você enxerga?

SOL– Eu nem devia estar aqui. Eu só vim acompanhar o Victor.

PACO– Hoje o Victor. Ontem a minha pessoa. Mês passado o Manoel. Ano passado o Carlos. Amanhã o Jairo. E assim por diante. Por que você faz das pessoas degraus para subir na vida.

SOL– Eu mereço respeito da sua parte. Eu sou apenas uma atriz em busca de uma oportunidade.

PACO– Que entrega a si própria e só depois se lembra de entregar o currículo. A sua intenção vai te levar longe menina.

VICTOR– Você está passando dos limites.

PACO– Quais são eles? Quem foi que colocou o limite um ao lado do outro e disse: daqui em diante não podemos avançar.

CONSULTE DIREITO AUTORAL

VICTOR– Eu estou preocupado com você.

PACO– Com a minha saúde? Ou com o trabalho que eu devo fazer para que o seu funcione. Mas antes eu vou falar sobre a minha saúde, que aliás, nunca foi o meu forte. A Rita vive dizendo para eu ter cuidado com a anemia. Sabe quando eu comecei a desenvolver a doença? Foi no batizado da Ana Luz. Eu soube, no dia do seu batizado que eu não era o seu pai. A Olga fez questão de me contar com o intuito de me desestabilizar emocionalmente.

OLGA– Eu já tinha confessado ao padre Inácio. Ele achou melhor que eu te contasse para seguir a minha vida em paz.

PACO– E você nunca teve um minuto sequer de paz na sua vida, por que depois que a Luz nasceu você se tornou uma mulher fria.

OLGA– Eu só conseguia pensar no Pedro.

PACO– Eu só conseguia pensar no Pedro. Por uns dois, ou três anos eu amei esse filho de uma puta de uma forma tão intensa. Amei sozinho, em silêncio. Eu amei um homem. Não! Eu amei o Pedro.

AMPARO– Eu não gosto que me chamem por esse nome.

PACO– Pedro.

AMPARO– Já disse para parar.

PACO– Eu fiz amor com você Pedro.

AMPARO– Por dentro eu me sentia como uma mulher.

PACO– Homem!

AMPARO– Eu me entreguei a você como uma mulher. Mulher!

OLGA– Olha só que incrível. Nós viemos na sua casa para beber e confessar os nossos pecados mais íntimos.

PACO– E veio a anemia, a falta de prazer, o desinteresse pela vida. O emocional age de forma violenta no ser humano quando ele se entrega. E eu mergulhei no meu trabalho, fundo. Não existe folga quando se trabalha com arte. Eu só preciso entregar o meu trabalho dentro do prazo. E zero de preocupação com a saúde. Zero!

VICTOR– E onde está o roteiro?

PACO– Na bolsa da moça sem talento que veio com você. Sim! Por que eu não te disse naquela noite e nem nas seguintes. Você, Soledade tem tanto talento para o teatro quanto a minha filha tem para esconder um segredo.

SOL– Aproveitador.

PACO– Eu?

ANA LUZ– Eu não escondo segredo nenhum.

PACO– Fica para depois. Há um segredo sim. Porém, como eu sou o diretor, vou contar essa história aos pedaços, transformando a narrativa com pequenos cortes e mudanças repentinas de assunto, mas que no final, elas se completam.

CONSULTE DIREITO AUTORAL

VICTOR– O roteiro está comigo.

PACO– Ela quem te deu, não foi? Foi! Fala menina. Para quem não sabe a Soledade fez um teste comigo e antes e depois, nós também trepamos. Mal! Como essa moça fode mal. Atriz medíocre e amante fria.

SOL– Nojo! É isso que eu tenho de você.

PACO– Nós lemos o roteiro, cena a cena. Por um instante eu achei que ela realmente pudesse fazer um dos papéis. Eu nunca senti saudade como da Olga, sério. Você sim que é mulher na cama. Ela não! Então eu cheguei à conclusão que uma boa transa te ajudar a ter boas ideias. Como é mesmo que você me disse...

OLGA– Fui eu, com meu trabalho que te ajudei a chegar aonde chegou. Eu, nossas fodas, as garrafas de whisky.

PACO– O que você achou do roteiro?

OLGA– Eu?

PACO– Sim! Você quem pediu a Soledade que viesse até a minha casa para roubar um roteiro. Me dá! Por favor, me entrega.

***SOL** entrega o roteiro para **PACO**.*

OLGA– Vagabunda! Você contou para ele?

PACO– A sua cópia também Olga!

***OLGA** entrega uma cópia para **PACO**.*

PACO– Rita, Amparo, Luz, Gringo... todo mundo. Passem já as cópias para cá. Elas me pertencem.

*As pessoas entregam as cópias do roteiro para **PACO**. Ele abre um dos roteiros.*

PACO– Está em branco. Viram! Em branco! Não há nada escrito, por que eu não tenho ideias. Eu sou uma fraude! Por isso eu coloco os meus processos pessoais nos textos. Eu experimento. E com isso eu chego onde eu desejo. Gringo, me diz uma coisa. Quem te mandou aqui?

GRINGO– Eu vim para cuidar de você.

PACO– Certo. Diga mais.

GRINGO– Eu atropelei você de moto.

PACO– Errado! Eu me atropelei. Eu atropelei a sua moto enquanto você fugia. De quem você fugia. Ou melhor, com quem você fugia?

GRINGO– Com a Ana Luz.

CONSULTE DIREITO AUTORAL

ANA LUZ– Nunca! Esse babaca gosta de mim, mas eu nunca disse que sentia qualquer coisa por ele.

GRINGO– Na verdade eu pegava ela todos os dias na escola. Nesse dia ela me pediu para dirigir a moto, e eu deixei.

PACO– Eu atropelei a moto dirigida pela Ana Luz. E de quem vocês fugiam Gringo?

GRINGO– Da polícia!

PACO– E por que?

GRINGO– A gente tinha assaltado uma loja de conveniência.

PACO– E vieram se esconder aqui na minha casa.

OLGA *ri um riso mórbido.*

OLGA– Eu estou rindo por que eu acho tudo isso muito divertido.

PACO– Por que você roubou o meu roteiro?

OLGA– Eu queria saber o que você estava pesquisando.

PACO– E o que achou?

OLGA– Instigante.

PACO– Bebe.

OLGA– Eu já estou farta disso.

PACO– Da bebida?

OLGA– Farta de tudo. De nós dois...

PACO *entrega um roteiro aberto indicando a página onde* ***GRINGO*** *deve ler.*

PACO– Você não disse que queria uma chance?

GRINGO– Da bebida?

OLGA– Farta de tudo. De nós dois...

GRINGO– E qual a sugestão?

OLGA– Divórcio.

GRINGO– Mas nós acabamos de nos casar.

OLGA– Anulação do casamento.

PACO *entrega um roteiro para* ***AMPARO****.*

OLGA– Divórcio.

CONSULTE DIREITO AUTORAL

AMPARO– Mas nós acabamos de nos casar.

OLGA– Anulação do casamento.

AMPARO– Eu sou contra.

OLGA– Problema seu.

AMPARO– Não assino.

OLGA– Eu sumo de casa.

PACO *entrega um roteiro para* ***VICTOR****.*

OLGA– Eu sumo de casa.

VICTOR– Eu vou atrás de você no inferno.

OLGA– Nós já estamos no inferno meu bem.

VICTOR– Eu acho o casamento a coisa mais sagrada do mundo.

VICTOR *para de ler. Ele está furioso.*

VICTOR– Escuta aqui, essa história eu conheço bem. Você está usando a minha vida no seu trabalho?

PACO– Não foi isso que você me pediu: use a sua vida na sua arte.

VICTOR– Isso não está certo.

OLGA– Então acaba com a minha vida. Vai!

PACO *coloca a arma na mão de* ***VICTOR****.*

PACO– Vá até o fim! Essa é a sua história. O roteiro que você tanto me pediu. Eu estou te dando uma ótima história.

OLGA– Aproveita e atira enquanto eu estou de costas e caminho lentamente em direção a saída. Assim eu não olho diretamente nos seus olhos.

PACO– A arma é de brinquedo. É teatro, só teatro.

VICTOR *atira.* ***OLGA*** *sente o tiro, mas não cai.*

OLGA– O que foi que você fez?

VICTOR– Atirei.

OLGA– Não você. Ele!

CONSULTE DIREITO AUTORAL

PACO– Devolvendo a você o que eu tirei: o palco. Você está de volta.

OLGA– Eu sinto dor. É tão real. Queima.

PACO– Sim.

OLGA– Você me matou?

PACO– Não, foi ele! Na minha história, ele mata a mulher antes dela abandonar a casa pelas costas. De forma passional. Mas um personagem não morre, mesmo que ele morra todas as noites.

OLGA– Mas eu posso sentir a dor. É tão real...

PACO– Você está cumprindo o seu papel.

VICTOR MAFRA *não entende o que vê.* ***PACO*** *fala com ele.*

PACO– Quanto a você, faltou entrega, verdade. O teatro não perdoa quem brinca com ele. E como você não desempenhou bem o seu papel, foi punido na última cena.

VICTOR– A arma não era de brinquedo?

PACO– Verdade ou ilusão? A escolha é sua, somente sua!

Aos poucos ***OLGA*** *vai ao chão para morrer lentamente diante do público. As luzes se apagam em resistência. Ao acender a atriz que faz* ***OLGA*** *já está de pé. Nenhum dos atores está em cena. Ouvimos o instrumental de "Puro Teatro" de La Lupe. Aos poucos os atores retornam a cena vestindo roupas pretas como no início da peça. Eles desmontam o cenário deixando o palco vazio. Um vídeo pode ser projetado com imagens dos ensaios deste experimento, afinal e no final tudo é teatro. Ao termino da canção a luz se apaga de vez. Fim da história e o começo das dúvidas.*

"Que a realidade não destrua o instante do efêmero".

Dan Rosseto.

São Paulo, Setembro de 2014.

CONSULTE DIREITO AUTORAL